



**A VILA DE FARO E O CONTO DE DUAS IRMÃS:
VESTÍGIOS E RASTROS LITERÁRIOS DE UM
“IMAGINÁRIO DE FEITIÇO” NA OBRA DE INGLÊS DE
SOUSA**

**THE VILLAGE OF FARO AND THE TALE OF TWO
SISTERS: VESTIGES AND LITERARY TRACES OF AN
‘IMAGINARY OF SPELL’ IN THE WORK OF INGLÊS DE
SOUSA”**

Arcângelo da Silva Ferreira *

Universidade Federal do Pará – UFPA

 <https://orcid.org/0000-0002-9965-8827>

adferreira@uea.edu.br

Joandreo Batalha Campos **

Universidade do Estado do Amazonas - UEA

 <https://orcid.org/0000-0002-9965-8827>

andreobatalha@gmail.com

RESUMO: O texto traz à baila a literatura de Inglês de Sousa através do conto Acauã. Busca-se, com esse artigo, apontar os fragmentos de um pensamento cultural sobre a Vila de Faro, cristalizados nas representações dessa obra, que já associavam esse lugar, no século XIX, a um “imaginário de feitiço”. O artigo se constrói dentro da História Cultural, ao valer de conceitos caros a esse campo – como imaginário e representações –, nessa medida, utiliza-se da relação fronteiriça entre História & Literatura, ao instrumentalizar textos literários como fontes históricas.

PALAVRAS-CHAVE: Acauã; Inglês de Sousa; Vila de Faro; história e literatura.

* Doutor em História Social da Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST) da Universidade Federal do Pará (UFPA), desde 2020. É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), desde 2006, e Licenciado em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

** Formado em licenciatura em História pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), pelo Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP). Mestrando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UEA)

ABSTRACT: The text brings to the fore the literature of English Sousa through the short story *Acauã*. This article seeks to point out the fragments of a cultural thought about the Village of Faro, crystallized in the representations of this work, which already associated this place, in the 19th century, with an “witchcraft imaginary”. The article is constructed within Cultural History, using concepts dear to this field – such as imagery and representations –, to this extent, it uses the border relationship between History & Literature, by instrumentalizing literary texts as historical sources.

KEYWORDS: *Acauã*; Inglês de Sousa; Faro Village; History and Literature.

NAS MARGENS DO NHAMUNDÁ

Navegavam, no século XVI, os espanhóis por um rio que um dia seria chamado de Nhamundá. Foi um pouco mais abaixo de onde Carvajal narrou seu encontro com as mulheres guerreiras indígenas (referência ao mito grego das Amazonas)¹, que estes primeiros viajantes encontraram um espaço que batizaram de Vila São João Batista, como situa Porro (1992). É esse lugar, rebatizado, durante o século XVIII, no governo pombalino, de Vila São João Batista de Faro, que Inglês de Sousa escolheu para ambientar seu conto, *Acauã*.

No defronte com esta narrativa, quer-se não apenas refletir seus enredos, mas alcançar um subtexto menos evidente, o lugar de sua ambientação e sua associação a um estigma da feitiçaria. Nesse sentido, ao produzir um artigo sobre *Acauã*, tem-se por objetivo buscar o que se entende nesse texto como os vestígios e rastros literários sobre esse pensamento cultural da feitiçaria, no século XIX, que se perpetuam até a contemporaneidade sobre o município de Faro-Pará².

O conto *Acauã* faz parte de um conjunto de nove narrativas fantásticas da obra *Contos Amazônicos*, publicada pela primeira vez em 1893. Contudo, a primeira publicação do conto é do ano de 1880, na Revista Brasileira, como situa Côrrea e Rodrigues (2020). Como já se destacou acima, o enredo é ambientado em uma vila amazônica na margem esquerda do rio Nhamundá, chamada de Vila de São João Batista de Faro. A gênese da narrativa se dá com a adoção de um bebê, chamada de Vitória, por um caçador, Jerônimo, após o encontro com a ave de agouro *Acauã* e a cobra-grande. O

¹ De acordo com Porro (1992), “O conhecimento das populações ribeirinhas do Amazonas começou (...) com um mito, o das Amazonas americanas” (p.178).

² Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), o município de Faro está inserido na mesorregião do Baixo Amazonas, é pertencente ao estado do Pará, localizando-se no extremo leste do território, faz divisa com o município de Nhamundá, no Amazonas, e Terra Santa no Pará. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/faro/historico>.

enredo então passa a ser construído em torno da relação de Vitória com a filha biológica de Jerônimo, Aninha, e a transformação da primeira em um ser cobra.

A gênese do artigo, deu-se ao longo de uma disciplina da graduação, *História e Literatura*, do curso de Licenciatura em História, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no primeiro Semestre de 2024, onde se instigou a pensar como a literatura poderia ser apropriada pelos pesquisadores em História para produção de conhecimento acadêmico, isto é, percebendo os textos literários como uma fonte fecunda para a História, tal como sugere Antônio Celso Ferreira (2009).

Ao refletir essas questões, principalmente, no defronte com trabalhos como de Robert Darnton (1986), *O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa*, que desenvolve um estudo sociocultural sobre as formas de pensar da sociedade francesa do século XVIII, a partir de narrativas produzidas nesse contexto, avistou-se a igual possibilidade de desenvolver um trabalho dessa natureza sobre a cidade de Faro-Pará, do século XIX, sem a pretensão, é claro, de produzir algo tão emblemático como a obra do mencionado historiador norte-americano. Dessa forma, os gatilhos despertados em uma disciplina, mais o fascínio em ler a obra de Darnton (1986), inclinaram a confecção deste trabalho histórico, mas sustentado sobre a Literatura. Contudo, cabe ainda pontuar algumas reflexões sobre o estigma que transpassa a história desse lugar.

De acordo com Campos (2024), Faro é historicamente atravessada por um “imaginário de feitiço”, conceito que o autor utiliza para tratar da transmissão de um imaginário europeu do final da Idade Média que associava, por exemplo, as mulheres à feitiçaria.

Este pensamento cultural, segundo o autor, é herdeiro de uma “migração de imaginário” - termo adotado pela historiadora Laura Souza, (1986), em *O diabo e Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial* - que ao atravessar o Atlântico com as grandes navegações e ao ser reproduzido no cotidiano das colônias, ganhou seus próprios contornos, contaminando lugares como a Amazônia, e, em sua obra, o município de Faro.

Conforme Campos (2024), esse lugar foi condicionado a estigmas, como “terra da feitiçaria” ou “terra de feitiçeiros”. Por isso, ao ponderar este “imaginário de feitiço”, nesse artigo, propõe-se a possibilidade de poder percebê-lo nas representações que o literato oitocentista, Inglês de Sousa, cria sobre esse lugar. Logo, ao incorporar Acauã, buscam-se os rastros e vestígios desse imaginário que associou essa cidade paraense à

feitiçaria. Ademais, com o artigo se deseja de alguma forma contribuir com histórias para a História de um lugar ainda tão pouco estudado, mas com prodigioso campo para pensar cultura e religiosidades na Amazônia.

ENTRE O FAZER HISTÓRICO E O NARRAR LITERÁRIO

Dois conceitos centrais que são utilizados nesse artigo é o de imaginário e representação, por isso o texto se constrói como um trabalho em História Cultural. Outrossim, faz-se uso ainda da interdisciplinaridade História e Literatura, isto é, apropriação da primeira pela segunda, o que implica na necessidade de dialogar com autores que demostrem como fazer uso adequado dessa metodologia.

Ao voltar esse artigo ao campo das representações, estabelece-se um diálogo mais direto com a Nova História Cultural, pois esta, de acordo com Burke (2005), tem um interesse mais direcionado aos “valores defendidos por grupos particulares em locais e períodos específicos” (2005, p.8), como no caso deste artigo, ao envolver o município de Faro.

Conforme Burke (2005), dentre os aspectos que mais caracterizam a Nova História Cultural, estão as representações. Ao serem trabalhados na História, os estudos sobre as representações estão relacionados, principalmente, ao interesse dos historiadores com o “papel ativo da imaginação” (Burke, 2005, p.85). Roger Chartier apresenta um dos conceitos mais aceitos sobre representações:

a de variabilidade e da pluralidade de compreensões (ou incompreensões) do mundo social e natural. [...] As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe [...] a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1990, p.21, citado por GRECCO, 2014, p.42).

Incorporar as representações torna necessário tratar do campo imaginário, pois em “algumas situações os dois campos se invadem reciprocamente” (Barros, 2004, p.92). Segundo Barros (2004), o imaginário tem “uma dimensão tão significativa das sociedades humanas como aquilo que corriqueiramente é encarado como a realidade efetiva” (2004, p. 92). Mas como se conceitua esse campo?

De acordo com Barros (2004, p.93), é “um sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais,

incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas”.

Ademais, ao utilizar esse conceito de Barros (2004), quer-se também fazer uso da noção, desse autor, de que o imaginário produz determinadas representações. No caso desse artigo, as imagens de Faro do século XIX, a partir de um determinado imaginário da época, o que se pretende analisar pelo conto de Inglês de Sousa. E como a literatura se insere nessa discussão?

Conforme Grecco (2014), foi justamente esse movimento de assimilação dos conceitos de representação e imaginário pela História, na segunda metade do século XX, que possibilitaram o uso da literatura pelo fazer histórico, visto que, ela ganhou um novo status para os estudos acadêmicos historiográficos, como aponta Grecco (2014). Assim, a literatura se tornou para os historiadores uma “significativa fonte de análise das diferentes visões de mundo que o homem apresentou em cada tempo e espaço” (Grecco, 2014, p.42). É nesse ponto que se torna necessário dialogar com autores que propõem o uso da literatura como fonte pela História.

Como aponta Ferreira (2009) em seu capítulo “Literatura: A fonte fecunda”, em decorrência dos próprios alargamentos dos olhares historiográficos no século XX, o uso de literaturas como fontes pelos historiadores nas últimas décadas tem se tornado algo mais abrangente e aceito – primeiramente na França, mas também outros espaços do globo, não obstante, o Brasil –, o que permitiu conceber as narrativas literárias nesse novo contexto, como novos materiais para leituras de mundo. Contudo, antes de fazer uso de uma fonte, seja ela qual for, é imprescindível entender sua genuinidade, nesse caso, atribuir um conceito, o que me impele a pensar: o que é a literatura?

De acordo com Ferreira (2009), a literatura já foi entendida na época renascentista como mimese, isto é, uma “representação (ou imitação) do mundo” (Ferreira, 2009, p. 66). Já no século XX, essa representação impunha “uma tomada de posição, crítica e ideológica, do escritor diante da realidade” (Ferreira, 2009, p.66). Ainda nesse mesmo século, algumas décadas mais tarde, a literatura foi entendida como o mesmo que ficção, nesse ponto, Ferreira (2009, p. 67) adverte que “toda ficção está enraizada na sociedade, pois é em determinada condição de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos”. Enfim, as tendências mais recentes ao compreender esses escritos sugerem afastar das “definições mais universalistas”

Contanto, ainda que não se possa apresentar um conceito que seja consenso a todas as épocas, pode-se escutar Ferreira (2009), e entender que as pesquisas históricas

servem justamente para entender a relação das literaturas com cada período e sociedade. O que faz retornar ao ponto em que se parou, como usar a literatura em trabalhos históricos?

Ferreira (2009) indica que, ainda que a historiografia já tenha uma certa experiência com esse tipo de investigação, ela “não dispõem de metodologia, teoria e conceitos particulares para tal” (2009, p. 80). Contudo, o autor oferece (não modelos e nem receitas) sugestões a esse tipo de prática, que serão assimiladas neste artigo.

De acordo com Ferreira (2009, p. 80), ao escolher a literatura que se irá usar, é necessário que, primeiro, a delimitação do tema seja clara, mas também que se demonstre os motivos que fazem aquela literatura servir aos anseios do problema levantado. Além disso, segundo o autor, “o método de trabalho do pesquisador depende da problemática que o leva à investigação”

No artigo que se propõe a desenvolver, o uso de literatura é imprescindível, principalmente, por conta da escassez de obras semelhantes sobre Faro daquele período, um raro vestígio físico de uma cultura que transmite seus saberes e conhecimentos por outras vias, principalmente, pela oralidade e memória. Oralidade que é a base comum à história da Amazônia, como aponta Pinto (2020), “a história dos povos da Amazônia é a história de sua oralidade, que se encontra presente até hoje e que aos poucos vai dando mostras de sua presença e vitalidade” (p. 08).

Outro importante alerta, apontado pelo autor, é que o historiador vá além do que fazem os pesquisadores das Letras, o conteúdo pode ser central, mas é fundamental estar a par do momento em que foi produzido, isto é, seus contextos históricos e sociais. Nisso implica a necessidade de dialogar com outras fontes da época, bem como é “preciso (...) estar atento aos ambientes socioculturais do período analisado para se evitar o tratamento anacrônico da fonte” (FERREIRA, 2009, p. 81).

É possível vislumbrar esse processo na obra de Darnton (1988), por exemplo, no capítulo dois, Os trabalhadores se revoltam: O Grande Massacre de Gatos na Rua Saint-Severin, sua fonte central é uma narrativa de alguém que diz ter vivenciado aquele evento, Nicolas Contat, mas conforme Darnton vai construindo sua narrativa histórica, a fim de entender o pensamento de uma França do século XVIII, ele incorpora fontes daquele contexto, como os registros da STN (papéis de uma tipografia do século XIX) e cartas da época trocadas entre indivíduos, representados na narrativa.

Metodologia que se pretende seguir, por exemplo, quando se utiliza Acauã como fonte central, mas ao objetivar os contextos da época, volta-se para o relatório de

João Barbosa Rodrigues (1875), um viajante que esteve no município no século XIX, apenas cinco anos antes da primeira edição do conto.

Já em relação às interpretações dos conteúdos em si, conforme o autor do qual se utiliza uma vez mais um trecho adiante, é fundamental:

Na interpretação do conteúdo dos romances e de suas formas narrativas é essencial (...) conhecer e testar alguns conceitos da Teoria Literária (...) como foco narrativo, linguagem metafórica, composição dos personagens, tempo e espaço na narrativa, efeitos de verossimilhança. (FERREIRA, 2009, p.81).

Contanto, novamente, Ferreira enfatiza que nenhuma forma de trabalhar os textos é um modelo pronto a ser replicado, tudo dependerá de como o pesquisador se relaciona com seu objeto, prevalecendo seu bom senso. Por último, deve-se ainda sublinhar um último aspecto levantado por Ferreira (2009) que se considera importante para trabalhos que se utilizam dessa metodologia.

É sobre um falso impasse aos novos historiadores da literatura, sobre optar ou pela análise dos textos/conteúdos ou aos contextos da fonte literária. De acordo com o autor, “análise interna das obras é permitida ao historiador, mas seu objetivo não deve ser o mesmo da crítica literária” (FERREIRA, 2009, p. 82), isto é, ainda que seja importante interpretar os conteúdos, isso não pode ser feito dissociado das circunstâncias sociais de sua produção. Para além de tudo isso, o autor ainda destaca de forma especial, por fim, a sensibilidade necessária àqueles que queiram desenvolver este tipo de trabalho.

A TERRA DA FEITIÇARIA: A INVENÇÃO DE UM LUGAR

Antes de partir para o contexto e o texto que estruturam este artigo, sente-se a necessidade de refletir, mesmo que de forma breve, o estigma “terra da feitiçaria” atrelado ao município de Faro-PA, como forma de melhor compreender como este pode ser percebido em Acauã através das representações produzidas por Inglês de Sousa (2004).

No livro *Colonização, Quilombos, modos e significados* de Antônio Bispo dos Santos (2015) ou *Nego Bispo*, ao pensar o processo de contato entre invasores portugueses e povos indígenas e, posteriormente, colonizadores e africanos escravizados; destaca que uma das técnicas de adestrar esses povos, no sentido literal, de tornar essas pessoas animais, ao coisificar suas presenças, retirar sua humanidade, era generalizar suas

existências ao chamar esses grupos, com suas várias autodenominações, de “índios” e “negros”. Pois, segundo esse pensador contra-colonial, essa era uma estratégia utilizada pelos adestradores para quebrar as identidades desses povos.

Pode-se entender, como base nessa afirmação de Nego Bispo (2015), que a rotulação das práticas indígenas de feitiço é mais que a imposição de uma nomenclatura sustentada em cima de um imaginário europeu colonizador, pode também ser lida como o obscurecimento de práticas anteriores a colonização, é assim uma espécie de estrutura de silêncio que se impõem sobre as múltiplas culturas existentes nesses lugares, corpos e mentes.

Como depõe Alex Sousa (2016), em *Memória e Poder* em narrativas amazônicas, a dominação das memórias pelo imaginário se dá pelas reproduções de determinados discursos e práticas que disciplinam a mente e o corpo. Por isso, quando se coloca Faro-PA como a terra da feitiçaria e seus moradores como feiticeiros e feiticeiras, qual história que está dominando sobre as memórias desse lugar?

Deve-se considerar ainda que o município de Faro-PA está no horizonte não ainda visto da historiografia, está nas margens da História do Pará, de Belém, da Amazônia. É ainda uma terra imaginada – como pensa Laura Souza (1986)³; pois como veremos com Inglês de Sousa (2004), mesmo sendo nunca ter pisado nela, sabia o que deveria ter lá; por isso inventada se remeter as noções da socióloga Neide Gondim (2019), em *A invenção da Amazônia*, que reflete esse território como uma invenção branca e engendrada por olhares estrangeiros. Desta forma, por um olhar colonialista, estrangeiro e missionário, pode-se considerar que Faro-PA foi e continua sendo construída e reconstruída como a terra da magia negra, a terra da macumba e a terra da feitiçaria na oralidade e nos discursos estruturantes e estruturados que se reproduzem por meio desse “imaginário do feitiço”.

Ao perceber a vitalidade do “imaginário do feitiço” enquanto elemento tangenciador desse artigo, há um esforço em percebê-lo como uma invenção de uma cultura e de um lugar, problematizando seu uso e sentidos, por meio de uma reprodução e imposição histórica colonizadora. Em suma, compreende-se que a invenção da terra da feitiçaria, de feiticeiros e feiticeiras está relacionada a todo um panorama global de interpretação, conseqüente de estigmatização da cultura e da terra do outro, o que é evidenciado no estudo de Laura Souza (1986), seja na Europa Medieval, seja no Novo

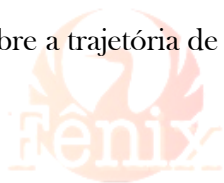
³ Em *O diabo e Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*

Mundo, ou ainda em uma vila do interior da Amazônia Colonial no século XIX, como demonstraremos ainda neste artigo.

QUEM CONTA O CONTO: UMA BREVE INCURSÃO PELA TRAJETÓRIA DE INGLÊS DE SOUZA

Bem como faz Darnton (1988), ao exemplificar as especificidades do autor da narrativa do *Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos da Rua Saint-Séverin*, antes de adentrar *Acauã*, deve-se tecer alguns parágrafos a Inglês de Sousa, até para não arriscar prejudicar uma das dimensões necessárias para a interpretação do próprio conto, a trajetória de vida de quem escreve.

Conhecido pelo nome de Inglês de Sousa, seu nome de batismo é Herculano Marcos Inglês de Sousa, nascido em Óbidos (Pará) no dia 28 de dezembro de 1853. De acordo com Costa Júnior (2015), o escritor obidense se mudou muito cedo desse lugar, transitando por vários estados do Brasil ao longo de sua vida, sendo em São Paulo que obteve seu bacharel em Direito. É também esse mesmo autor que situa um pouco mais sobre a trajetória de Inglês de Sousa.



www.revistafenix.pro.br

Publicou três romances em Santos, sob o pseudônimo de Luiz Dolzani, antes de publicar seu livro mais conhecido, *O missionário*. Viveu no Rio de Janeiro, onde foi advogado e professor de Direito na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais. Inglês de Sousa foi também político, sendo, inclusive, governador do Espírito Santo e Sergipe, jornalista e escritor de contos e romances. Foi também membro fundador da Academia Brasileira de Letras, cadeira 28. (COSTA JÚNIOR, 2015, p.29)

De acordo com Costa Júnior (2015), Inglês de Sousa se inscreve dentro do movimento naturalista da literatura, apesar de dentro da academia não obter tanto destaque. Conforme o autor, o real destaque de Inglês de Sousa está em sua sensibilidade em observar o ambiente, sendo o primeiro a se voltar para a Amazônia.

Ainda assim, críticas importantes foram colocados pelo historiador Alfredo Bosi acerca da escrita de Inglês de Sousa, ao apontar sua inclinação ao positivismo, e o colocando “entre os de menor capacidade estilística, incapaz de escapar das armadilhas e esquemas do naturalismo” (COSTA JÚNIOR, 2015, p.30).

Por fim, como destaca Costa Júnior (2015), ainda assim *Acauã* pode ser interpretada de várias formas. Nesse artigo, e considerando a limitação de sua estrutura, opta-se por dialogar com uma dimensão mais específica do conto, as representações que

Inglês de Sousa (2004) produz sobre o espaço e a suas personagens, buscando nestas os vestígios e os rastros de um pensamento cultural sobre esse lugar.

O CONTO DE DUAS IRMÃS

O conto inicia com Capitão Jerônimo retornando de uma caçada, em uma noite de sexta-feira. Enlutado pela perda da mulher, o caçador fazia aquilo para abrandar a dor. Nessa noite, quando já se aproximava da entrada da vila, começou a vivenciar experiências sobrenaturais, como desorientação ao entrar no povoado, uma abrupta tempestade e o encontro com duas entidades nas margens do rio que banhava o lugar, a ave de agouro acauã e a cobra-grande. Ao se ver diante das criaturas, Jerônimo desmaia e, ao recordar o sentido pela manhã, avista, nas margens do rio Nhamundá, um bebê.

A narrativa se estrutura em torno do bebê, adotado pelo homem, que recebe o nome de Vitória, e a relação com a filha biológica de Jerônimo, chamada Aninha. O ponto alto de *Acauã* se dá no dia do casamento de Aninha, quando Vitória surge transformada em cobra na igreja, anunciada pelo canto da ave acauã, fazendo a irmã cair no chão em uma crise de convulsão.

Primeiramente, deve-se destacar que de todas as narrativas presentes em *Contos Amazônicos*, somente uma é ambientada em um espaço real, justamente *Acauã*. É esse elemento que possibilita alicerçar a análise histórica que se propõem, utilizando-se dessa literatura para buscar os vestígios e rastros sobre um “imaginário de feitiço” cristalizados nas representações do conto de Inglês de Sousa sobre Faro.

Primeiramente, volta-se ao espaço narrado que Sousa (2004) constrói, ou melhor, apossa-se para ambientar *Acauã*, buscando os primeiros fragmentos de um “imaginário de feitiço”. Pois, conforme Niels (2019), é através da construção do espaço narrado, ou melhor, sua representação e a utilização de certos elementos, que o autor induz o leitor a certas interpretações e deduções imaginativas.

O “imaginário de feitiço” é inserido aos poucos na própria construção do espaço, mas já está lá desde o início, nas primeiras descrições de Sousa (2004) sobre a vila, por exemplo, quando narra o retorno de Jerônimo ao povoado ainda nas páginas iniciais do conto:

ao entrar na povoação pelo lado de cima, de onde vinha caminhando, e por isso não o impressionaram muito, o silêncio e a solidão que ao

modo se tornavam mais profundos à medida que se aproximava da vila. Ele já estava habituado à melancolia de Faro, talvez o mais triste e abandonado dos povoados do vale do Amazonas. (SOUSA, 2004, p. 59-60).

Esse “abandono” descrito por Sousa (2004), talvez tenha sido emprestada de relatórios de viajantes da época. Pois, Rodrigues (1875), por exemplo, publicou, *Exploração do Rio Yamundá*, cinco anos antes da primeira versão da obra de Inglês de Sousa. Inclusive a descrição que esse viajante apresenta, é semelhante à narração de Sousa (2004), “Nota-se que outr’ora esta villa floresceu e teve muito maior número de casas, pelas ruínas que se encontram, porém, hoje o desanimo da população vai tornando desoladora sua posição” (RODRIGUES, 1875, p.19).

Já a “tristeza” e “melancolia” atrelado a esse abandono são recursos que Sousa (2004) utiliza para induzir o leitor a interpretar esse espaço como um lugar sombrio. Aspectos que Niels (2019) apresenta como do gênero gótico literário, a exemplo dos ambientes soturnos e sombrios, aspectos que fazem Inglês de Sousa, segundo a autora, ambientar a narrativa na vila de Faro. Isso também se apresenta quando o autor descreve o cotidiano do lugar.



As ruas, quando não sai a lua, são de uma escuridão pavorosa. Desde as sete horas da tarde, só se ouve na povoação o pio agoureiro do mucurututu ou o lúgubre uivar de um cão vagabundo, apostando queixumes com as águas múrmuras do rio. (SOUSA, 2004, p. 60)

Ou ainda quando descreve a chegada da noite no povoado. “Fecham-se todas as portas. Recolheram-se todos, com um terror vago e incerto que procuram esconjurar, invocando. - Jesus, Maria, José!” (SOUSA, p. 60)

É nesse ponto que se levantam algumas indagações ao leitor (a): qual o impacto de um conto ambientado em um espaço real, mas que insere elementos sombrios em sua escrita? Como *Acauã*, sendo uma narrativa que se equilibra entre o realismo e o alucinante, como aponta Niels (2019), pesa sobre a História de um lugar?

Antes de refletir essas questões, é necessário falar sobre o que há de mais alucinante em *Acauã*, onde se acredita está inserido os vestígios e rastros mais explícitos do “imaginário de feitiço”, suas personagens. Para tal, concentra-se nas personagens femininas.

Sousa (2004) descreve Aninha como uma menina saudável e grande, características que a personagem perde após os anos de convivência com Vitória, o que o autor induz a pensar ser o efeito do feitiço da irmã adotada.

Os anelados cabelos castanhos caíam-lhe sobre as alvas e magras espáduas. Os olhos tinham uma languidez doentia. A boca andava sempre contraída, nunca constante vontade de chorar. Raras rugas divisavam-se-lhe nos cantos da boca (...) Aninha tinha um olhar tristonho. (SOUSA, 2004, p. 64).

Por meio da descrição de Aninha e sua relação com Vitória, é possível perceber como o autor constrói a noção de uma pessoa enfeitada. Por outro lado, quando Sousa (2004) descreve Vitória, nota-se a concepção da feiticeira, em um processo de “monstrualização” da personagem, termo trabalhado por Souza (1989)⁴, até mesmo antes de sua metamorfose em cobra. Como se pode perceber no fragmento destacado a abaixo:

era alta e magra, de compleição forte, com músculos de aço (...) os olhos negros, rasgados, de um brilho estranho. Apesar de incontestável formosura, tinha alguma coisa de masculino (...) tinha um sorriso de gelo. Fitava com arrogância os homens até obrigá-los a abaixar os olhos (SOUSA, 2004, p. 64-65).

O aspecto que é mais explícito no ponto alto do conto, isto é, nos parágrafos que Sousa (2004) destina para a construção de seu monstro, Vitória, a menina-cobra. E ainda que Vitória seja construída com claras referências ao mito amazônico da Boiuna (a cobra-grande), é possível vislumbrar em sua concepção elementos do imaginário europeu, características que remetem ao arquétipo do que é uma bruxa.

Por exemplo, quando Sousa (2004) descreve como Vitória se comportava, “metia-se pelos matos, dando gargalhadas que assustavam os passarinhos” (p. 68), comportamentos condizentes aos padrões de como uma bruxa é descrita na literatura, “montadas em cabos de vassoura, que criam gatos pretos e dão gargalhadas malignas” (RUSSEL & ALEXANDER, 2019, p. 11 citado por POMPEU, SILVA E PANTOJA, 2020, p. 71). Pois, como aponta Ferreira (2020, p. 336), Inglês de Sousa

desenvolve escritos ficcionais sobre acontecimentos históricos ocorridos no século XIX, que aconteceram ou ecoaram pelas margens amazônicas, e, por outro, acolhe crenças mítico-lendárias derivadas das heranças culturais dos nativos e dos estrangeiros. Ele cultivava o que já existe cristalizado na sociedade amazônica, formulando rapsódias de cunho épico.

⁴ Na obra de Souza (1986), *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*, a historiadora aponta uma Europa quinhentista fascinada pelo imaginário dos monstros. De acordo com ela, “monstrualizava-se”, principalmente, o que haveria de ter em terras longínquas. Outrossim, como sugere Campos (2024), ao analisar o livro de Souza (1986), dentro do próprio mundo medieval, encarnava-se até o que era desconhecido por conta do medo.

Devidamente apresentados os aspectos realistas e alucinantes de *Acauã*, resta, por fim, amarrá-los. Como sugere a citação que acaba de se trazer acima, a obra de Sousa (2004) é a materialização do que já estava presente na oralidade e no imaginário daquele período. Inglês de Sousa não produz o pensamento cultural de uma época sobre Faro, mas o cristaliza ao capturar em uma obra literária. E como tratar dessa cristalização? Principalmente, ao refletir que há tão raros escritos sobre esse lugar, como já se mencionou acima nos parágrafos desse artigo.

É necessário, sem sombras de dúvidas, cuidado. Pois, não se pode retomar esse passado, esses vestígios e rastros, como um fim em si, como outrora já fez o campo historiográfico⁵. Quando se busca esses fragmentos históricos de um pensamento sobre o município de Faro-Pará em uma literatura do século XIX, não se faz como forma de legitimação desse imaginário que associa esse lugar à feitiçaria. E sim, aponta-se um processo de estigmatização de um espaço e de seus moradores desde esse período, como ocorre de forma simbólica quando o autor constrói esse ambiente melancólico, sombrio e abandonado, com mulheres enfeitiçadas e com poder de feitiço.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCRITA DE INGLÊS DE SOUZA

Após evidenciar a existência desse pensamento cultural, faz-se mister, como bem já chamou atenção Walter Benjamin (2005), na sua VII tese da sua obra *Sobre um conceito de História*, ler esses rastros e vestígios a contrapelo, evidenciando uma história de estigmatização de um lugar e de sua cultura. Contudo, antes de submergir nessa reflexão contra o que pode ser entendido como a história oficial, é prudente se voltar para o tipo de escrita de Inglês de Sousa, ou melhor, o movimento literário onde esse autor paraense se insere e como isso se relaciona com *Acauã*.

Inglês de Sousa é um literato entendido, pela crítica especializada, como um autor inserido dentro do naturalismo realista, como situa Leandro Thomaz de Almeida (2016), em seu artigo *A Amazônia do “romance amazônico” - observações sobre a crítica aos romances de Inglês de Sousa e sua relação com relatos de viajantes*, mas o que isso representa? De acordo com alguns autores, que pensaram e criticaram a escrita de Inglês

⁵ Como todo historiador já deve saber, e como indica Burke (1992), antes da transformação historiográfica da História no século XX, principalmente com a Escola dos Annales, a escrita da história era genuinamente narrativa do passado. Dimensão que se alterou profundamente com o advento da chamada História-Problema.

de Sousa, principalmente a obra *Contos Amazônicos*, onde se insere *Acauã*, o autor paraense teria grande prestígio por desenvolver sua ficção como um retrato fidedigno da realidade, como se fosse uma literatura quase testemunhal da Amazônia. Como destaca Almeida nesse trecho, ao citar Antônio Sales:

Verdadeiros quadros de vida rural dá-nos, por exemplo, o Sr. Inglês de Sousa no *Missionário* e nos *Contos Amazônicos*. Nesses trabalhos do seu ilustre confrade encontrará o Sr. Coelho Neto cenas palpitantes de verdade, de uma singeleza forte e dominadora pela sua flagrante sinceridade. Não narra nem descreve assim quem quer, mas somente os que de perto veem e observam as figuras e os cenários, para poder, como o Sr. Inglês de Sousa, dar à ação da novela a verossimilhança perfeita, a iniludível naturalidade, o que não implica a autenticidade absoluta, pois que a missão da Arte não é dar-nos reproduções fotográficas, senão uma representação sábia e sutil das coisas, contanto que nos desperte a emoção da verdade, o *frisson du vrai*. (SALES, 1897, p. 52 citado por ALMEIDA, 2016, p.55)

Essa “a noção de que o escritor teria procedido a uma observação *in loco* e depois transcrito que viu para as páginas do romance” (Almeida, 2016, p. 55) é algo problematizado por Almeida. Isso porque, de acordo com o autor, Inglês de Sousa se mudou muito cedo de Óbidos, ainda com 11 anos, para o Maranhão e com 13 anos para o Rio de Janeiro. Ou seja, “todos os seus romances e contos foram escritos a distâncias consideráveis da realidade neles descrita” (ALMEIDA, 2016, p.59). Ainda conforme o autor, mesmo que ele tenha retornado a Óbidos uma vez, de acordo com o próprio filho de Inglês de Sousa, sua estadia foi curta, sem quase sair de casa e depois dessa viagem nunca mais voltou à Amazônia.

Essa “a noção de que o escritor teria procedido a uma observação *in loco* e depois transcrito que viu para as páginas do romance” (ALMEIDA, 2016, p. 55) é algo problematizado por Almeida. Isso porque, de acordo com o autor, Inglês de Sousa se mudou muito cedo de Óbidos, ainda com 11 anos, para o Maranhão e com 13 anos para o Rio de Janeiro. Ou seja, “todos os seus romances e contos foram escritos a distâncias consideráveis da realidade neles descrita” (ALMEIDA, 2016, p.59). Ainda conforme o autor, mesmo que ele tenha retornado a Óbidos uma vez, de acordo com o próprio filho de Inglês de Sousa, sua estadia foi curta, sem quase sair de casa e depois dessa viagem nunca mais voltou à Amazônia.

Almeida (2016), trabalha com a ideia de que Inglês de Sousa, não presenciando *in loco* os ambientes, cenários e personagens de seu romance, como acredita os críticos

de sua literatura, suas principais fontes de consulta teria sido a memória de infância do literato, conversas com o pai e os relatos de viajantes.

Esse último aspecto, inclusive, é algo que Almeida (2016) destrincha e embasa ao comparar trechos dos romances inglesianos com os relatórios dos viajantes da época do autor. Aspecto que também se consegue apontar nesse artigo, por exemplo, quando Inglês de Sousa cita a geografia da região às margens do rio Nhamundá: “Nesse momento, rompeu o sol por entre os animais de uma ilha vizinha” (SOUSA, 2004, p. 63). A mesma ilha descrita por Rodrigues (1875) “o rio alarga-se consideravelmente, tendo logo ali uma grande ilha denominada Grande ou das Cutias, e fôrma o imprópriamente denominado lago de Faro” (RODRIGUES, 1875, p.17).

Entretanto, existe uma evidência incontestável de que Inglês de Sousa (2005) utilizou o relatório de viagem de Barbosa Rodrigues (1875) para a construção de Acauã. Em sua passagem pela vida de Faro, o viajante oitocentista descreve o seu contato com uma moléstia que o autor estabelece acometer apenas sobre aquela região do lago de Faro e tapuyas nervosas.



Entre os indios é tido por agoureiro, circunstancia que influe sobre algumas tapuyas nervosas, a ponto de adquirirem uma moléstia, que é bem conhecida com o nome de uacauan, no município de Faro; sobretudo no Lago Grande, onde commummente apparece. (RODRIGUES, 1875, p. 67)

O que Rodrigues (1875) descreve em seu relatório, é o fenômeno que estrutura a temática de Inglês de Sousa (2004), o agouro da ave acauã. Uma circunstância, de acordo com o viajante, que ocorre comumente na região do lago de Faro e somente sobre mulheres (tapuyas). Inclusive, a descrição que Rodrigues (1875) poderia ser lida facilmente por um olhar etnocêntrico e dominado pelo imaginário europeu como uma possessão demoníaca, como as descritas por religiosos durante o fenômeno de caça às bruxas.

Aquelle estado me incommodava; lancei mão da água fria e borrifei-lhe as faces. Como que assustou-se e parou de cantar. Dei-lhe então alguns goles que com custo bebeu, produzindo-lhe ancias. Logo depois, porém, estendeu convulsamente os braços, dobrou para trás o pescoço e como que se espreguiçando entre abriu os olhos. (RODRIGUES, 1875, p. 68)

Todos os aspectos, tanto o que é descrito por Rodrigues (1875), mas também o que é construído e narrado por Inglês de Sousa (2004), sobre esse lugar, suas práticas

culturais e seus moradores, especialmente, mulheres, podem ser percebidos como a presença forte e dominadora de um imaginário europeu reconstruída sobre determinados locais, como se deu por vários territórios da Amazônia Colonial, especialmente, a partir da Visita do Santo ofício, como situa amplamente Almir Diniz Carvalho Júnior (2005), em *Índios cristãos: a conversão dos gentios na Amazônia portuguesa (1653-1769)*.

Por isso, deve-se entender que o que Inglês de Sousa captura em sua obra, é o que estava presente na oralidade e no imaginário coletivo da região, o que lhe possibilitou escrever e materializar na forma como descreve o lugar e cria seus personagens, mas nada além disso. Logo, *Acauã* permite avistar, mesmo de longe, os vestígios de um pensamento sobre a Vila de Faro, mas essa distância impede uma compreensão do que há para além desse imaginário, ou melhor, por debaixo dele.

Em outras palavras, ao dialogar com a obra de Inglês de Sousa é possível evidenciar os rastros e vestígios de um imaginário, mas somente isso. Pois, para ir além desse “imaginário de feitiço”, se colocar contra uma história oficial como sugere Benjamin (2005), implicaria na busca das trajetórias dos dominados, homens, principalmente mulheres, que Inglês de Sousa só avistou de longe para construir sua obra. Algo que não se faz nesse artigo, pois fugiria ao seu intuito original. Contudo, deve-se menos indicar que outros trabalhos, como o de Campos (2024), *O benzer, o curar e o enfeitiçar: um estudo sobre o estigma de Faro, Pará, através das trajetórias de mulheres curandeiras*, vêm adotando essa abordagem, alicerçados, especialmente, no campo da História Oral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao navegar em *Acauã* pelo rio Nhamundá e “encostar” nas margens da Vila de Faro, no século XIX, deparou-se com um ambiente escuro e deserto, tal como narra seu autor, Inglês de Sousa. *Escuro*, pois é dificultoso avistar o que há para além de suas representações, o que só é possível através do diálogo com outros autores, sendo as luzes que guiaram até esses trechos finais. *Deserto*, pois não há outras literaturas ou até mesmo documentos que possam ser justapostos ao conto no século XIX, inclusive, algo a ser problematizado em outro trabalho: o que justifica tanta escassez de registros?

Entretanto, dentro do que permite inferir *Acauã*, foi possível vislumbrar, mesmo que de forma breve, os rastros e vestígios de um pensamento cultural cristalizado nas representações trazidos pela obra, para então refletir como as *imagens*, que Inglês de

Sousa constrói desse lugar, são a materialização de uma história de estigmatização de um lugar, de seus habitantes, de homens e, especialmente, mulheres.

Em suma, este é um artigo que se desenvolve sobre a Vila São João Batista de Faro do século XIX, mas que indicando a existência de um pensamento cultural já no período oitocentista, possibilita pensar o atravessamento histórico de um imaginário que se estende até contemporaneidade sobre e para Faro, a exemplo de seu estigma de “terra da feitiçaria”, algo que também perpassa as histórias de seus moradores, de suas mulheres e lhe impõem uma História contada pelo *outro*.

REFERÊNCIAS

FONTES

SOUSA, Inglês de. Acauã. In: **Contos Amazônicos**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RODRIGUES, João Barbosa. **Exploração do Rio Yamundá**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Leandro Thomaz de. A Amazônia do “romance amazônico” – observações sobre a crítica aos romances de Inglês de Sousa e sua relação com relatos de viajantes. In: **Revista Interfaces: Periódico da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)**. PR: Guarapuava, n.24, v. 1, janeiro-junho, 2016, p.54-69. Disponível em: <https://portalbiblioteca.ufra.edu.br/images/Ebook/letrasportugues/oromancedauidaamazonica.pdf>. Acesso em 14 de março de 2024.

BARROS, José D’Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. Trad. J. M. Gagnebin e M. L. Müller. In: LOWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**. São Paulo: Boitempo, 2005. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/resenha97resenha3.pdf. Acesso em 14 de março de 2024.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 2ª ed, 1992.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CABRAL, Luciano. “Monstros Góticos nos Contos Amazônicos, de Inglês de Souza”. In: **Todas as Musas: Revista de Literatura e das Múltiplas Linguagens da Arte**. São Paulo: ano 09, n. 01, 2017, pp. 92-100. Disponível:

https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/55529154/CABRAL_L.Monstros_Goticos_nos_Contos_Amazonicos_de_Inglês_de_Sousa.pdf. Acesso em 14 de março de 2024.

CAMPOS, Joandreo Batalha. O benzer, o curar e o enfeitiçar: um estudo sobre o estigma de Faro, Pará, através das trajetórias de mulheres curandeiras. IN: XIII ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA ORAL - HISTÓRIA ORAL: DEMOCRACIA, CONFLITOS E SUSTENTABILIDADES, 13, Parintins. **Anais eletrônicos**. SILVA, Júlio Claudio da Silva; ROCHA, João Marinho da; BEZERRA, César Aquino; LIMA, Michele Pires; OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho de; SANTOS; Tiago Fonseca dos (Orgs). - Embu das Artes, SP: Alexa Cultural, 2024.

CAMPOS, Joandreo Batalha. **O borralho das feitiçadeiras**: imaginário e representações sobre as mulheres farenses. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura - História) - Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins (UEA-CESP). Orientação: Prof. Dr. Júlio Claudio da Silva. Parintins, 2024.

CARVALHO JÚNIOR, Almir Dimiz. **Índios cristãos**: a conversão dos gentios na Amazônia portuguesa (1653-1769). Tese de doutorado, Unicamp, Campinas, 2005.

CORREIA, Dinalva da Silva; RODRIGUES, Denise de Souza Simões. A simbologia do olhar n'os *Contos amazônicos* de Inglês de Sousa. In: **Revista Sentidos da Cultura**. V.07 N.13 jul./dez./2020, p. 43-56. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos/article/view/3484>. Acesso em 14 de março de 2024.

COSTA JÚNIOR, Josias da. A religião como tema central no conto "Acauã" de Inglês de Sousa. In: **PLURA**: Revista de Estudos de Religião. Dossiê: **As religiões na Amazônia**. Vol. 6, nº 2, 2015, p. 27-48. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1116>. Acesso em 14 de março de 2024.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FERREIRA, Antônio Celso. A fonte fecunda. p. 61-91. In: PINSKY, Carla Bassanezi; DE LUCA, Tania Regina (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

FIGUEIRA, Lauro Roberto do Carmo. "Acauã: barroquismo amazônico". In: **Contexto: Revista do Programa de Pós-graduação em letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)**. Vitória: UFES, n. 37, 2020, p.333-362. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/30170>. Acesso em 12 de março de 24.

GRECCO, Gabriela de Lima. História e literatura: entre narrativas literárias e históricas, uma análise através do conceito de representação. In: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Rio Grande do Sul: vol. 6, nº 11, julho de 2014, p. 39-53. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10546>. Acesso em 14 de março de 2024.

NIELS, Karla Menezes Lopes. "Um monstro chamado Vitória: uma leitura de 'Acauã', de Inglês de Souza". In: Cleber Araújo Cabral, Enéias Tavares, Suellen Cordovil. (Org.). **Monstruosidades do Fantástico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020, 1ª ed, pp. 26-39. Disponível em: https://www.academia.edu/50142396/Monstruosidades_do_fantastico_brasileiro_E_Book. Acesso em 14 de março de 2024.

PORRO, Antônio. História Indígena do alto e médio Amazonas: séculos XVI a XVIII. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia de Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1ª edição, 1992, p. 175-196.

SOUZA, Laura de Melo e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz:** feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia de Letras, 1986.

Recebido em: 16/04/2024
Parecer dado em: 15/05/2024



www.revistafenix.pro.br